



Sociedade Brasileira de Estudos
Interdisciplinares da Comunicação

*Iniciacom – Revista Brasileira
de Iniciação Científica em
Comunicação Social*

DOMINIQUE WOLTON E O EXERCÍCIO DO JORNALISMO CONTEMPORÂNEO

DOMINIQUE WOLTON AND THE EXERCISE OF THE CONTEMPORARY JOURNALISM

REBECCA BATISTA VICENTE¹; CARLOS ALBERTO ZANOTTI²

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
(PUC-CAMPINAS)

Resumo: Este trabalho tem por objetivo debater o conceito de jornalismo segundo a ótica de Dominique Wolton, sociólogo francês e influente pesquisador contemporâneo da área da Comunicação Social. Buscamos aqui, através de pesquisa bibliográfica e da Análise de Discurso (AD), traçar um paralelo entre o exercício profissional e as considerações que o autor francês tece em suas obras lançadas no Brasil entre os anos de 1996 e 2011³.

Palavras-chave: Jornalismo; Wolton e o jornalismo; conceitos de jornalismo; exercício profissional; sociedade midiaticizada.

1

Abstract: This article's objective is to debate the concept of journalism according to Dominique Wolton, French sociologist and influential contemporary researcher of the Social Communication field. Through the bibliographic research and the Discourse Analysis (DA), we aim to find a parallel between the professional exercise and the French author's considerations found on his books, released in Brazil between 1996 and 2011.

Keywords: Journalism; Wolton and journalism; concepts of journalism; Professional exercise; mediatized society.

¹ Estudante de Graduação do 6º semestre do Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). Bolsista de Iniciação Científica da FAPIC/Reitoria. E-mail: vicente.rebecca@gmail.com.

² Professor Doutor e pesquisador da Faculdade de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas). E-mail: zanotti@puc-campinas.edu.br.

³ **O elogio do grande público** (Ática, 1996); **Pensar a Comunicação** (Editora Universidade de Brasília, 2004); **É preciso salvar a comunicação** (Paulus, 2006); **Internet, e depois?** (Sulina, 2007) e **Informar não é comunicar** (Sulina, 2011).

1. O estudo do Jornalismo e a importância das mídias

As mídias estão cada vez mais presentes em nosso cotidiano. Segundo Silverstone (2011, p. 21), elas são “parte de uma realidade da qual participamos”. No contexto da globalização, dispomos de uma grande oferta de informações, estando cada vez mais próximos dos acontecimentos do mundo. E nos tornamos, todos, verdadeiros comunicadores frente às ferramentas originadas a partir das novas tecnologias. É no reconhecimento de uma modificação no cenário da Comunicação Social que propomos, para a elaboração deste artigo, o estudo do exercício do jornalismo, discutindo sua importância nas sociedades contemporâneas. Recorremos, para tanto, aos perfis profissionais do mundo ocidental conforme apresentado na obra de Kunczik (2002), e observamos a complexidade do jornalismo em sua prática, conforme registrada por Chaparro (2007). Partindo deste levantamento inicial, fomos a Dominique Wolton, e procuramos interpretar suas propostas para o exercício da profissão e a construção de uma autoimagem profissional.

Licenciado em direito e doutor em sociologia, Dominique Wolton é diretor de pesquisa do Centro Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) francês e do Instituto de Ciências da Comunicação (CCSI)⁴, estando envolvido na área há 35 anos. Autor de 30 livros, os quais foram traduzidos em 20 idiomas (com cinco publicações no Brasil), fundou, em 1988, a revista *Hermès*, da qual é diretor, e que é hoje uma das principais publicações científicas na língua francesa⁵. A análise do discurso de Wolton justifica-se por sua notoriedade e influência em debater o jornalismo frente à globalização e o surgimento das novas tecnologias, apontando a importância do exercício dessa profissão na contemporaneidade.

Através da Análise de Discurso (AD), propomos uma interpretação daquilo que Wolton descreve como sendo o papel do jornalismo e do jornalista, o que nos levou a buscar os elementos de análise na leitura de suas cinco obras lançadas no Brasil. As afirmações mais

⁴ Informações obtidas na página sobre Wolton na Internet: <http://www.wolton.cnrs.fr/spip.php?article1>.

⁵ Informações obtidas no portal do Instituto de Ciências da Comunicação (CCSI): <http://www.iscc.cnrs.fr/spip.php?article511>.

relevantes do sociólogo francês a respeito do jornalismo e dos jornalistas foram, assim, localizadas e separadas em fragmentos de texto, as chamadas Sequências Discursivas (SDs), sendo estas, em seguida, categorizadas segundo seus temas em dez diferentes Blocos Discursivos⁶. Aqui, em se tratando de artigo com espaço limitado para divulgação, separamos um dos Blocos para a apresentação dos resultados da análise, por nós intitulado “o papel do jornalista contemporâneo”, que resume parte dos objetivos deste trabalho. No desenvolvimento da análise, interpretamos as formações discursivas, que podem ser entendidas como fragmentos de texto, “que representam ‘na linguagem’ as formações ideológicas que lhes são correspondentes” (PÊCHEUX, 1997, p. 161).

Os estudos empreendidos neste trabalho justificam-se em função da importância de se pesquisar os meios de comunicação e a eles associar o pensamento do pesquisador francês, um dos mais influentes nos estudos de Comunicação Social no Brasil. Afinal, as mídias, segundo Silverstone (2011, p. 21), inserem-se de tal maneira em nosso cotidiano a ponto de atuar decididamente no campo da cognição. Em sua obra, este autor se opõe à visão pós-moderna que avalia a mídia como o principal fator da incapacidade do ser humano em distinguir o real do imaginário, ou seja, como fator responsável pela impossibilidade de se ter experiências reais.

A partir dessa importância conferida às mídias, iniciamos a abordagem teórica desta pesquisa apontando os principais conceitos referentes ao jornalista nas sociedades ocidentais, colaborando, portanto, para com a compreensão do papel desempenhado por esses profissionais na atualidade, e para a posterior discussão relativa ao ofício propriamente dito.

⁶ Os Blocos foram separados em: “a função do jornal”, “o papel do jornalista”, “a liberdade de imprensa”, “os limites de mediação”, “o financiamento”, “os desafios da profissão”, “os desafios da profissão frente às novas tecnologias”, “a questão do público”, “a relação entre os jornalistas e os intelectuais” e “a comunicação política”.

2. O Jornalismo nas sociedades ocidentais

Ao discutir teoricamente sobre o jornalismo em exercício nos países do Ocidente, Kunczik (2002, p. 97-100) distingue dois diferentes papéis que podem ser desempenhados por esses profissionais: o neutro, aquele compromissado com a objetividade; e aquele que defende causas e mobiliza a sociedade -- o jornalista participativo.

O jornalista, no primeiro papel, “é considerado um agente neutramente distanciado para poder transmitir a informação com objetividade e ética profissional” (KUNCZIK, 2002, p. 98). Sobre o assunto, o autor pondera que o relato objetivo leva o jornalista a supor “que os princípios existentes são aceitos como inquestionáveis, evitando-se assumir a responsabilidade política” (KUNCZIK, 2002, p. 98). Com isso, ajudaria a consolidar a ideia de um profissional de imprensa enquanto sujeito conformista, diferentemente daquele que se sente compelido a questionar a realidade existente.

Como defensor de causas, por outro lado, o jornalista dá voz a parte de uma comunidade, a um grupo marginalizado. Segue a linha dos “denunciantes da corrupção” (KUNCZIK, 2002, p. 98) conhecidos pelo jornalismo sensacionalista norte-americano. Diferentemente daqueles que pregam pela neutralidade, esses profissionais fazem “[...] uma campanha vigorosa pela difusão de certas idéias ou fatos, sem reivindicar a posse da verdade fundamental sobre o assunto tratado” (KUNCZIK, 2002, p. 98).

Apesar de antagônicos, esses papéis não se excluem mutuamente. Segundo o autor, “Um jornalista pode sentir-se igualmente comprometido com a reportagem objetiva e neutra e com uma obrigação social” (KUNCZIK, 2002, p. 97). Em sua pesquisa, apesar de abordar esses dois papéis como distintos, Kunczik não exclui a possibilidade de ambos coexistirem.

A distinção desses dois papéis permite a identificação (KUNCZIK, 2002, p. 100-108) de quatro diferentes perfis profissionais em exercício no jornalismo ocidental: o de mediador, o de precisão, o de professor e guia e o de entretenimento.

O jornalista como mediador seria aquele que atua como intermediário entre o público e os acontecimentos, estando compromissado com o relato verdadeiro dos fatos e respeitando, desta maneira, as regras éticas e morais da profissão. Este perfil baseia-se no pressuposto de

que “[...] a tarefa dos jornalistas é facilitar a mútua comunicação entre os diferentes grupos da sociedade” (KUNCZIK, 2002, p. 100).

O “jornalista de precisão”, perfil apresentado por Kunczik a partir das propostas de Philip Meyer (1973 apud Kunczik, 2002, p. 103), faz uso das técnicas de pesquisa das ciências sociais “para poder prestar declarações comprovadas sobre os temas sociais, ou seja, para poder relatá-los objetivamente” (KUNCZIK, 2002, p. 103). Apesar de apresentarem diferenças frente ao modelo científico – especialmente pela escassez de recursos e de tempo disponíveis aos jornalistas –, as técnicas de pesquisa utilizadas no jornalismo de precisão colaboram, segundo Kunczik (2002, p. 104), para a “inserção de informações num contexto teórico que revelaria os antecedentes e as possíveis causas dos acontecimentos”. Evitam, portanto, a divulgação de fatos desconexos e de mentiras.

Os dois outros perfis de jornalistas são o de professor e guia, e o jornalista de entretenimento. O primeiro é dividido em duas funções distintas: o profissional detentor do conhecimento, o qual tem a missão de educar o público; e o jornalista como guia, aquele que dissemina novas ideias, discutindo temas atuais.

Em referência ao jornalismo de entretenimento, Kunczik discute a imagem pejorativa daqueles que trabalham na área. O entretenimento é interpretado pelos jornalistas como divertimento, levando-os a construir uma imagem ruim de seu público e, conseqüentemente, de seu trabalho. O autor assim conclui: “[...] a atitude pessimista com relação à cultura, que se nega a reconhecer a legitimidade da necessidade de entretenimento e de se utilizar de seu potencial positivo será inadequada tanto para o jornalista quanto para o público” (KUNCZIK, 2002, p. 108).

A discussão teórica acerca dos conceitos do jornalismo ocidental estudados por Kunczik (2002) possibilita a apresentação, neste artigo, da pesquisa realizada por Chaparro (2007) referente à prática da profissão na atualidade. Com o auxílio da Pragmática, o autor acompanha, em sua obra, o processo produtivo dentro das redações, analisando o trabalho desempenhado pelos jornalistas na seleção e hierarquização das notícias.

3. O exercício do Jornalismo contemporâneo

A partir de pesquisa realizada com dois jornais diários de circulação no Estado de São Paulo, Chaparro (2007) estuda a realidade prática do jornalismo brasileiro, discutindo seu processo produtivo, o que inclui as etapas desde o relato dos acontecimentos até a publicação das notícias. Com o auxílio da Pragmática⁷, o autor estuda o exercício do jornalismo em sua intervenção na realidade, propondo que a divulgação de notícias não se resume a uma simples elaboração de textos e enunciados. Chaparro investiga, desta maneira, o trabalho dos jornalistas segundo a existência de uma orientação, um discurso e um contexto específicos, e do objetivo de atingir efetivamente o público com seus conteúdos.

A partir da leitura dos comentários de Chaparro acerca de nove notícias cuja produção foi por ele acompanhada em dada pesquisa de campo, da pauta à redação final (CHAPARRO, 2007, p. 42-70), observamos que o exercício do jornalismo orienta-se principalmente pela busca do conflito nos acontecimentos. Portanto, independentemente das informações das quais dispunham, os repórteres procuraram destacar em seu texto elementos polêmicos, mesmo que não apresentassem grande relevância, dos fatos abordados. No decorrer da análise, Chaparro aponta que a necessidade de se destacar o conflito era proveniente de exigências dos próprios veículos de comunicação, sendo sua linha editorial, pois, determinante na seleção e hierarquização dos conteúdos.

Por outro lado, os acontecimentos que não possuíam esse ponto de conflito, por serem classificados como de menor relevância pelos veículos, eram mal investigados, tendo suas pautas descuidadas e, sem consulta de fontes confiáveis, resultando na publicação de boatos⁸. Estes últimos, nas notícias estudadas, motivaram, muitas vezes, pautas diversas, direcionando reportagens, modificando a interpretação das mensagens, adequando-as a interesses particulares. Ao não serem esclarecidos pela mídia, os boatos, portanto, transformavam-se em informação.

⁷ Segundo definição de Chaparro (2007, p. 140) “A Pragmática, como vertente complexa da Linguística e da Semiótica, dá conta da extensão social e das consequências sociais dos enunciados”.

⁸ São classificados na obra como “notícia anônima que corre publicamente, sem confirmação” (CHAPARRO, 2007, p. 79).

A informação é interpretada como um instrumento de poder, sendo tarefa do profissional da mídia a transformação dos acontecimentos em notícia. Esse atributo do jornalismo encontra-se, atualmente, entre as demandas do público - que confia à profissão a publicação de informações segundo a apuração e a investigação dos acontecimentos -, e, por outro lado, às exigências dos poderes empresariais - que preferem a reflexão da realidade segundo a manutenção dos poderes vigentes. Assim escreve o autor:

Qualquer que seja, onde quer que esteja, a quem quer que tenha sido delegado, esse poder se projeta em decisões e ações irreversíveis na intimidade da atividade jornalística, em todos os desdobramentos hierárquicos de produção, criação e controle das notícias (CHAPARRO, 2007, p. 96).

Segundo Marques de Melo (2006, p. 56), a ideologia é “algo inerente a qualquer processo social de comunicação”. O jornalismo baseia-se, atualmente, no sensacionalismo - portanto, na venda de notícias a partir do despertar de sensações no receptor - e na atomização - pela qual o real é assimilado de maneira fragmentada, a partir da divisão das notícias em editoriais (MARQUES DE MELO, 2006, p. 115). A imprensa, portanto, criaria uma realidade segundo a divulgação de conteúdos, transparecendo sua ideologia e, desta maneira, construindo o discurso de seu público.

O jornalista, desta forma, é espectador dos acontecimentos, não dispendo de autonomia para contrariar as relações de poder e de ideologia existentes nos veículos de comunicação - mesmo que não concorde, muitas vezes, com as regras impostas ao seu trabalho.

Os principais prejudicados neste processo, entretanto, são os leitores. Não dispendo da oportunidade de interferir nos conteúdos jornalísticos, eles são tratados pelos veículos de comunicação como consumidores. Chaparro (2007, p. 103) faz referência ao artigo 19 da Declaração Universal dos Direitos Humanos de 1948, alegando que, ao publicar boatos, notícias falsas ou mal apuradas, o jornalista: “[...] trai o principal e mais belo dos compromissos que tem com a construção e o aperfeiçoamento de uma sociedade livre: assegurar a ‘todo o indivíduo’ o direito de ser informado”.

4. O jornalismo de Wolton

Após levantarmos, nesta pesquisa, um modelo teórico e prático que caracterize o jornalismo existente nas sociedades contemporâneas – a partir dos perfis profissionais e da Pragmática –, realizamos a leitura das cinco obras de Wolton publicadas no Brasil, com o objetivo de elaborar uma síntese das bases do pensamento do sociólogo sobre a profissão. A interpretação de suas ideias, a partir da Análise de Discurso (AD), será realizada em seguida.

Com o avanço tecnológico e o surgimento de novas ferramentas que possibilitam uma maior difusão de informações, Wolton adota como necessária uma discussão sobre as consequências deste novo cenário, especialmente em se tratando de uma maior abertura das sociedades a conteúdos provenientes de diferentes lugares do mundo. Desta maneira, o sociólogo debate, em suas obras, as questões antropológicas presentes no instrumental possibilitado pelo progresso tecnológico da Comunicação Social contemporânea.

Faz-se necessária, para a discussão desta questão, primeiramente, a distinção entre informação e comunicação, base das ideias discutidas por Wolton sobre o assunto. Em relação à primeira, caracterizada como uma mensagem a ser transmitida ao receptor, destacam-se três diferentes tipos: a oral, a imagem e o texto. Assim escreve o autor:

Existem três grandes categorias de informação: oral, imagem e texto. Esses dados podem estar presentes em diversos suportes. Tem-se a *informação-notícia* ligada à imprensa; a *informação-serviço* em plena expansão mundial graças especialmente à internet; e a *informação-conhecimento*, sempre ligada ao desenvolvimento dos bancos e bases de dados. Falta a *informação relacional*, que permeia todas as demais categorias e remete ao desafio humano da comunicação. (WOLTON, 2011, p. 17).

Em relação à segunda, a comunicação, Wolton destaca a importância em reconhecê-la como instrumento do diálogo, do compartilhamento e da negociação entre emissor e receptor. Diferentemente do simples ato de informar, a comunicação refere-se ao reconhecimento e ao respeito às diferenças sociais e culturais, objetivando “construir as condições de convivência” (WOLTON, 2011, p. 18).

A partir da identificação destes dois termos, torna-se possível a discussão da presença de cada um nas sociedades contemporâneas. Em relação à informação, Wolton destaca sua grande oferta, favorecida, principalmente, com o advento da Internet. Atualmente, os indivíduos, conectados ao redor do mundo, possuem a capacidade de entrar em contato com mensagens divulgadas em diferentes portais, blogs e redes sociais. Podem, até mesmo, divulgar suas próprias informações, publicando fotos, textos e vídeos com grande facilidade. Este novo cenário, segundo o sociólogo, faz parte da realidade da democratização da informação, a qual é interpretada como a grande conquista do mundo moderno. Entretanto, seu discurso vai além da questão técnica, estudando, também, as consequências do mundo globalizado, da velocidade na troca de informações e da maior interatividade. Ele discute, desta maneira, as questões sociais por trás das novas ferramentas de informação, tornando necessária uma reflexão sobre o papel da comunicação na atualidade.

Foram necessários três séculos de lutas para se desfrutar dos benefícios da revolução da informação e da comunicação. Tudo se complicou com a generalização da informação, a diversidade dos receptores com senso crítico e a globalização. (WOLTON, 2011, p. 21).

Frente a esta realidade, o papel das mídias torna-se essencial na reorganização da comunicação nas sociedades contemporâneas. A abundância de informações não corresponde, atualmente, a uma maior divulgação da verdade. A cultura da urgência, da concorrência e da objetividade na produção noticiosa resulta, muitas vezes, no surgimento de boatos. Segundo Wolton, os acontecimentos são cada vez mais complexos, necessitando de uma maior explicação e contextualização para o entendimento do público. Os profissionais da mídia são os únicos capazes de fornecer ao receptor um conteúdo melhor apurado e que corresponda à realidade dos fatos. A triagem, a pesquisa e certa lentidão no processo informativo devem fazer parte do trabalho dos jornalistas, especialmente frente a um público heterogêneo, segmentado e de maior senso crítico.

A velocidade é provavelmente a maior armadilha da vitória da informação. Por que ir tão rápido? Quem pode absorver tudo isso? Nem mesmo os jornalistas. Qual a relação entre velocidade, verdade, conhecimento e ação? A velocidade, verdadeiro aliado durante séculos por ter permitido informar melhor, criticar e emancipar, pode tornar-se um perigo, especialmente diante da complexidade da globalização. O que está sendo celebrado, a velocidade da informação, o volume ou a verdade? O que acontece com a indispensável necessidade de lentidão num mundo aberto, de fronteiras ampliadas? Velocidade e volume caem na armadilha da competição e contribuem para explicar o deslizamento estrutural rumo à degradação da informação. (WOLTON, 2011, p. 55)

Repensar a comunicação, atualmente, implica em discutir sua importância no mundo globalizado. O progresso tecnológico observado atualmente não favorece uma relação mais harmoniosa entre os homens, e o contato com o que é diferente pode ser um dos principais motivadores do conflito. Wolton escreve que, com a incomunicação, “Os mal-entendidos e os conflitos estão até mesmo aumentando” (WOLTON, 2011, p. 16). A velocidade na transmissão das mensagens atualmente, em conjunto com os boatos e acontecimentos mal apurados pode resultar em comunitarismos, na intolerância e no individualismo.

A comunicação resulta, na sua forma contemporânea, desta tripla revolução: liberdades humanas, modelos democráticos e progressos tecnológicos. Estamos atualmente numa encruzilhada. Duas ideologias ameaçam a comunicação: o *individualismo*, ou seja, a redução da comunicação à expressão e à interatividade, e o *comunitarismo*, isto é, a marginalização da questão da alteridade e a possibilidade do encerramento em espaços virtuais. (WOLTON, 2011, p. 24).

Wolton aponta a necessidade de se relacionar o progresso tecnológico e a liberdade de informação à importância do estabelecimento de um laço social, favorecendo a convivência entre diferentes sociedades e o respeito mútuo entre os homens. Para o sociólogo, “*A comunicação é um problema de convivência e de laço social, característica de uma sociedade de movimento, de interatividade, de velocidade, de liberdade e de igualdade*” (WOLTON, 2011, p. 25, com grifo do autor). Os veículos de comunicação, assim como seus profissionais, desta maneira, desempenham papel de destaque nesta realidade, sendo responsáveis, a partir da di-

fusão de seus conteúdos – e, também, de seus conhecimentos –, pelo estabelecimento de possíveis alternativas à comunicação e à compreensão entre os indivíduos.

5. O jornalista e seu papel de mediador

Para darmos início à análise do discurso de Wolton, selecionamos, em suas obras, os principais trechos referentes à Formação Discursiva (FDs) relativa ao papel de mediador desempenhado pelos jornalistas. Nelas, grifamos as palavras que melhor caracterizam as ideias do sociólogo, tendo como objetivo discuti-las posteriormente na análise.

[...] o volume cada vez maior de informações reforça o papel do jornalista como **mediador** entre o mundo e os cidadãos. (WOLTON, 2004, p. 311).

[...] com a **explosão da informação** e com a **facilidade de acesso** a ela, o jornalista se encontra numa encruzilhada. Ou ele é **a testemunha de uma época ultrapassada**, em **que havia a necessidade de intermediário**, agora inútil na medida em que cada um se tornaria seu próprio jornalista; ou ele é um dos principais **guardiões da liberdade de informação**, mantendo-se distante de todos os poderes, funcionando como **avalista da honestidade**, ou menos da objetividade tão difícil de atingir, fazendo **a triagem** num **universo afogado em informações, o que só aumenta a necessidade de intermediários e de explicação**. (WOLTON, 2011, p. 73).

[...] Se o usuário crê, hoje, que a informação aparece sozinha, tal é a **facilidade** de acesso a ela, é preciso não esquecer que ela é sempre uma construção **validada** por um profissional, o jornalista, seja qual for o suporte. (WOLTON, 2011, p. 72).

[...] A informação é **essencial** para os jornalistas. Ante a **explosão** da indústria da informação sob todas as suas formas, sua **dificuldade** está em **preservar** seu lugar, ou seja, sua **legitimidade**. (WOLTON, 2006, p. 44).

[...] Quanto mais **fácil tecnicamente** fazer informação, mais seu *conteúdo* traz dificuldades. O que se ganha em facilidade técnica se perde em **significação**. Esse fato **desestabiliza** a atividade jornalística, necessariamente arte-

sanal, cujo *sentido* é ser capaz, como espectador da história, de distinguir dia após dia o trágico do supérfluo. (WOLTON, 2004, p. 300-301).

[...] Quanto mais informação existe, mais o papel do jornalista, **sem dúvida arbitrário**, consiste em organizar e não em se “esquivar”, deixando esse trabalho para ser feito pelo destinatário final, o espectador. (WOLTON, 1996, p. 145).

[...] Com o tempo, o estatuto do jornalista, mediador entre o espetáculo do mundo e o público, acaba sendo **questionado** por causa dessa **evolução técnica** e da **crise de confiança do público** em relação à profissão. [...] Como disse repetidas vezes, quanto mais há informação, comentários e opiniões, mais a função do jornalista como mediador para **selecionar, organizar, hierarquizar a informação é indispensável**. (WOLTON, 2004, p. 300-301).

[...] a democracia não é a supressão dos serviços e profissões intermediários, mas a **validação dos seus papéis** e a capacidade de criticá-los. Os jornalistas são **intermediários e contrapoderes**. (WOLTON, 2011, p. 72).

Primeiramente, compreender o significado do termo utilizado para caracterizar os jornalistas como “mediadores”. O termo tem origem no conceito de “mediação”, o qual, segundo definição do dicionário, refere-se a uma “intervenção com que se busca produzir um acordo” (FERREIRA, 1988, p. 424). O mediador, portanto, frente a uma condição de conflito, tem a missão de buscar o acordo entre seus diligentes, mediante um discurso imparcial e que possibilite a compreensão e reflexão mútuas dos assuntos em questão. Em relação ao público, o papel do jornalista proposto por Wolton é o de proporcionar uma comunicação entre os acontecimentos e o receptor de suas mensagens.

O sociólogo expressa, em suas obras, a importância da mediação jornalística a partir da discussão da realidade da Comunicação Social contemporânea. Com o surgimento da Internet, as informações circulam com maior facilidade, chegando ao público a partir de diferentes ferramentas. Wolton interpreta esse cenário de maneira pejorativa, escrevendo sobre a “explosão” da indústria da informação. Os veículos de comunicação estariam, atualmente, enfrentando uma verdadeira crise de identidade, especialmente por se defrontarem com uma maior capacidade informativa adquirida por seu público. Estes, antes dependentes do conteú-

do dos veículos convencionais – do rádio à televisão – encontraram, na Internet, a possibilidade de estar cada vez mais próximos dos acontecimentos, dispensando, conseqüentemente, a existência de um mediador, de um profissional que intermedeie seu contato com o mundo.

Desta maneira, o sociólogo discute o papel dos profissionais de imprensa frente à globalização da informação. Ele interpreta como necessária a preservação da identidade dos jornalistas, defendendo, portanto, o papel destes últimos na comunicação. A facilidade técnica, segundo Wolton, não corresponde à facilidade de compreensão das mensagens. Somente o discurso de um profissional, detentor do conhecimento e da capacidade de seleção e hierarquização de uma grande oferta de informações, seria capaz de legitimar determinado acontecimento, tornando-o, portanto, autêntico e compreensível ao público.

Wolton ressalta, em grande parte dos trechos selecionados, que a função do jornalista não se esgota em simplesmente informar seu público. Essa atividade já não é suficiente em um universo “afogado”, saturado de informações. A pesquisa, a apuração dos acontecimentos, assim como a triagem, portanto, a seleção e a hierarquização dos fatos, devem fazer parte do processo produtivo do jornalismo. O profissional deve considerar, na elaboração das notícias, a necessidade de explicação dos acontecimentos, contextualizando o público em sua realidade. Aos jornalistas, portanto, é atribuído o papel de “espectadores” das histórias, tarefa a qual dá sentido ao trabalho desses profissionais. A transmissão de uma informação requer tempo, apuração e pesquisa, além de técnicas específicas para sua confecção. Essa tarefa, caracterizada por Wolton como “artesanal”, é o que diferencia os profissionais de imprensa dos demais “informadores”, provenientes das novas tecnologias de transmissão de mensagens. A informação, desta maneira, é o cerne do trabalho jornalístico, não devendo, para o sociólogo, ser desvalorizada ou substituída.

Apesar das mudanças no cenário da comunicação, o público não deve se esquecer do papel da imprensa na mediação e na transmissão dos acontecimentos. O sociólogo ressalta a importância desse reconhecimento caracterizando os jornalistas como “avalistas” da honestidade. Eles dispõem, portanto, de um discurso imparcial, tendo a capacidade de selecionar adequadamente os conteúdos, desvinculando-os de ideologias e de interesses diversos que

influenciem seu público. Wolton exalta essa competência ao caracterizar os profissionais como “guardiões” da liberdade de informação, sendo eles os únicos a possuí-la.

Apesar de reconhecer a vitória dos jornalistas frente à censura, garantindo a liberdade à informação, Wolton escreve que as influências dos poderes político e econômico ainda orientam o discurso dos veículos de comunicação, interferindo no exercício do jornalismo. Aponta, como alternativa a essa realidade, a necessidade do desempenho do papel de contrapoderes, fazendo uso da informação como instrumento para a denúncia às ações dos atores políticos, criticando-as quando necessário, e, assim, colaborando para a manutenção da pluralidade. A democracia - portanto, a maior oferta de informações disponíveis aos indivíduos - valida o papel de intermediários dos jornalistas que, ao fazer uso da mesma, são, igualmente, contrapoderes.

Podemos observar, a partir da análise dos trechos selecionados, que o pensamento de Wolton assemelha-se, em parte, às propostas dos autores estudados ao longo desta pesquisa. Primeiramente, em relação a Kunczik (2002), o sociólogo justifica o papel do jornalista como mediador, estabelecendo uma conexão entre público e acontecimentos. Por outro lado, vai além dos limites da objetividade proposta neste perfil, defendendo a necessidade da pesquisa e da apuração dos acontecimentos, aproximando o exercício do jornalismo ao apregoado pelo jornalismo de precisão.

O sociólogo também discute sobre a liberdade à informação e a capacidade do jornalista em utilizar a denúncia e a crítica como um “contrapoder” à política e às decisões governamentais - desvinculando o exercício profissional das influências política e econômica e defendendo um compromisso com a democracia. O jornalismo, desta forma, não se resume a simplesmente transformar os acontecimentos em notícia. Possui, por outro lado, um papel social específico, estando a serviço das necessidades informativas de seu público. Faz uso, para tanto, da informação como ferramenta para o estabelecimento da comunicação - e, portanto, da compreensão mútua dentro de uma sociedade.

Desta forma, a atuação do jornalista como mediador não se incorporaria às proposituras da obra de Chaparro (2007), para quem, como visto anteriormente, a linguagem do jorna-

lismo é a da exploração do conflito, conforme apurou. O pesquisador luso-brasileiro, com larga experiência profissional em redações de jornais, entende que cabe ao jornalismo colocar-se onde o conflito se estabelece e expô-lo clara e eticamente aos nele interessados. A tomada de decisão, por sua vez, caberia ao público. Já em Wolton, percebemos o oposto: a busca da convergência como fórmula para uma atuação responsável.

Considerações Finais

Nas sociedades regidas pela lógica do mercado, os veículos de comunicação interpretam as informações a partir de uma ótica mercadológica, tratando-as como produto a ser vendido ao público consumidor. Apesar dessa realidade não se refletir, necessariamente, em uma distorção ou manipulação dos acontecimentos, observamos que o jornalismo, em seu processo produtivo – a partir da seleção, descarte e hierarquização dos fatos –, objetiva o despertar de sensações do público, divulgando acontecimentos segundo a exploração de um ponto em permanente conflito.

A obra de Dominique Wolton, contrariamente, defende que o jornalismo, em seu exercício, deve se desligar das intenções e demandas dos poderes políticos e econômicos. O autor incluiu na atividade a importância da divulgação das decisões governamentais, da denúncia e da investigação, de forma a possibilitar a compreensão entre as sociedades frente à realidade imposta pela globalização e o avanço das tecnologias, interpretando os jornalistas como auxiliares do desenvolvimento. À imprensa não caberia, portanto, explorar os pontos de conflito dos acontecimentos.

O sociólogo propõe, desta maneira, que o papel social do jornalista – o de intermediário entre público e acontecimentos, a partir do relato da realidade e segundo um discurso que não se submeta às influências do poder – continua o mesmo. Clama, entretanto, pela manutenção desse papel frente à sociedade e aos veículos de comunicação, de modo a reafirmar a importância da mediação do jornalista na atualidade.

Referências Bibliográficas

- CHAPARRO, M.C.C. **Pragmática do Jornalismo**: buscas práticas para uma teoria da ação jornalística. São Paulo: Summus, 2007.
- DOMINIQUE WOLTON. Disponível em: <<http://www.wolton.cnrs.fr/spip.php?article1>>. Acesso em: 16.jan.2011.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Básico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- INSTITUT DES SCIENCES DE LA COMMUNICATION DU CNRS (ISCC). Disponível em: <<http://www.iscc.cnrs.fr/spip.php?article511>>. Acesso em: 11.abr.2011.
- KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo**: Norte e Sul: Manual de Comunicação. São Paulo: Ed.USP, 1997.
- MARQUES DE MELO, José. **Teorias do Jornalismo**: identidades brasileiras. São Paulo: Paulus, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas (SP): Pontes, 3ª edição, 2001.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, (SP): Ed. UNICAMP, 3ª edição, 1997.
- SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** Trad. Milton Camargo Mota. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- WOLTON, Dominique. **O elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.
- _____. **Pensar a Comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.
- _____. **É preciso salvar a comunicação**. Trad. Vanise Pereira Dresch. São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. **Internet, e depois?** Uma teoria crítica das novas mídias. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- _____. **Informar não é comunicar**. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.